



## Milton e Caetano, de rosto colado

A música brasileira deve muitos momentos de alta criatividade à inquietação permanente de Caetano Veloso. Sempre aberto a encontros e confrontos, movido por um genuíno sentimento de admiração pelos colegas, Caetano deve ser o artista brasileiro que mais participações fez em discos de amigos e desconhecidos, dividindo microfones com as maiores estrelas da música brasileira de vários estilos e gerações (e agora também do mundão musical, como Cesária Évora, Nelly Furtado, David Byrne, Jane Birkin e outros grandes de várias latitudes) e generosamente emprestando seu prestígio e sua voz a novos artistas.

Foi ele quem, no início dos anos 70, pôs fim à falsa opção posta pela radicalidade e estupidez que se seguiram ao racha da MPB, que originou o tropicalismo: Chico ou Caetano? A resposta foi um disco e show históricos no Teatro Castro Alves de Salvador, *Caetano e Chico – Juntos e ao Vivo*.

Em plena ebulição do estilo musical que ficou conhecido como Black Rio – mistura de funk, soul e samba, criada por Tim Maia e Genival Cassiano e desenvolvida nos bailões da periferia do Rio de Janeiro por músicos como a Banda Black Rio (BBR) – Caetano gravou um disco inteiro com a BBR e dividiu com ela o palco do *Bicho Baile Show*, que provocou grande polêmica em uma época de

nacionalismo exacerbado e exigência de participação política. Caetano respondeu com *Odara*.

Agora, ele encontra Milton Nascimento em show histórico, cantando músicas de filmes. Espero ardentemente que esse espetáculo vire disco. Além da música maravilhosa, comove no show a atitude de reverência de Caetano – logo ele, um leonino radical, orgulhoso, vaidoso e exibido como ele mesmo diz –, ouvindo Milton com olhos brilhantes de fã, de tiete, numa atitude de imensa nobreza, num momento de exacerbação da competitividade e do ego e de busca da celebridade a qualquer preço.

As mais bonitas para mim – fora as lindas que já conhecemos de interpretações individuais deles, como *Luz do Sol e Paula e Bebeto* – foram *Bye Bye Brasil*, *La Violetera*, *Felicidade* e um delicioso *Rock Around the Clock*, em clima rockabilly. Os adolescentes dos anos 50 adoraram. E o melhor momento cênico é o par dançando abraçadinho e de rosto colado, dois pra lá, dois pra cá. Fofura total. É, um CD não basta. É preciso um DVD. Sim, a canção que eles fizeram para o filme *O Coronel e o Lobisomem* é mesmo muito linda. Sim, certamente devemos muito a Paula Lavigne, que trabalhou para botar esse encontro histórico em cena. E, assim, promover seu filme grandiosamente! Empresária de responsa é isso aí. Copiaram?

“Além da música maravilhosa, comove no show a atitude de reverência de Caetano, ouvindo Milton com olhos de fã, de tiete”

### CD LIST • Mistura de ritmos



■ **BARBARA MENDES** – *São Sebastião*  
Barbara Mendes é uma carioca bonita e de muito boa voz, que já raiou por dez anos em Nova York e está lançando seu primeiro trabalho solo no Brasil. Trabalhou com Eumir Deodato na trilha sonora do filme *Bossa Nova*, fez turnês por Estados Unidos, Europa e Ásia. Seu disco nasceu de sua parceria com o pianista Alain Mallet, que já tocou com grandes nomes da música mundial como Paul Simon e Phil Woods. Destaque para a belíssima versão para São Sebastião, de Totonho Villeroz.



■ **DEVENDRA BANHART** – *Santa Maria de Feira*  
É um dos novos artistas mais queridos do circuito universitário americano, príncipe do novo folk, nascido no Texas há 24 anos, filho de pais hippies, que eram seguidores de um guru indiano chamado Devendra. Começou cantando em casamentos gays, soltou a voz com canções de Elvis e faz parte de uma nova cena de folk music, influenciada por ritmos eletrônicos. O destaque é *Santa Maria de Feira*, em perfeito spanglish, como se espera de um texano da fronteira.



■ **JEFFERSON & MERIEM SERBAH** – *Nobody But Him*  
A integração dos ritmos e dos timbres eletrônicos com melodias, harmonias e liberdade do jazz tem produzido gravações interessantíssimas e revelado muitos talentos, como a dupla francesa Jefferson e Meriem Serbah. Eles fazem um electrojazz acústico de alto nível e ela, além de atriz de teatro e de cinema superpremiada, é também uma cantora maravilhosa. Ouçam o que fazem uma levada irresistível e uma voz quente e suíngada.



■ **JUNIO BARRETO** – *Se Vê Que Vai Cair, Delta de Vez*  
O pernambucano Junio Barreto, um dos novos compositores mais falados (e gravados) do momento, está brilhando nos discos de divas da MPB, como Maria Rita, Gal Costa, Maria Bethânia, Ana Carolina, e agora lança seu primeiro CD. Na verdade, Junio não é tão novo assim. Tem 20 anos de estrada e foi um dos fundadores do Mangue Beat. E tem uma qualidade que poucos de seus talentosos colegas do movimento têm: canta muito bem, com voz macia e bastante suíngue.



■ **KEVIN JOHANSEN** – *Hindue Blues*  
É a nova sensação do momento no meio musical, provocando um impacto comparável à descoberta de seu amigo e parceiro Jorge Drexler pelos músicos brasileiros. Kevin Johansen nasceu no Alasca, de pai americano e mãe argentina. É um monstro, difícil de definir: canta, toca, compõe. Um caldeirão de referências musicais, principalmente brasileiras, ora cantando em inglês, ora em espanhol, com ritmos inusitados, mas sempre de extremo bom gosto.